

Recado de PARIS

Rubem BRAGA

2002
PARIS, novembro — “Le Feu sur la terre” de Mauriac, uma peça que conta o ciúme que uma jovem tem pelo seu irmão, está recebendo críticas muito contraditórias.

O autor se explica no programa. Começa dizendo: “Sempre me impressionei com o papel que na França muitas irmãs tiveram na vida de seus irmãos e como agiram sobre seu destino. Nada de carnal desonra a paixão que mata essa moça. Minha peça nada tem de equívoco”.

Cita irmãs ilustres, e influentes: a de Pascal, a de Chateaubriand, a de Renan e a de Maurice Guerin, que mais particularmente o inspirou. Explica o subtítulo da peça: “Le Pays sans chemin — não existe caminho para Laura no interior de sua paixão, no interior da região deserta em que ela se condena a viver porque não tem a força ou a vontade de passar a fronteira para penetrar no reino da Graça”.

Desculpa-se por não ter dado essa solução (católica) ao drama. “Toda vez que dei aos meus livros uma conclusão otimista, os críticos me censuraram por haver cedido ao temor do escândalo, e julgaram que o desenlace não valia nada. O mais triste é que quase sempre eles tiveram razão. Não se deve forçar o próprio talento. Na vida, não sou de modo algum um homem desesperado. É verdade porém que, como autor, não tenho muita disposição para a esperança. Nós, os escritores, somos bem dignos de lastima: nunca ninguém teve a idéia de censurar a um pintor sua maneira de pintar. Nunca ninguém censurou a Greco por pintar Gregos, nem a Manet por pintar Manets. Os personagens que ora vos apresento só podiam ser personagens “à minha maneira”. Deixo a cada um de vós o cuidado de juntar à minha peça, e segundo sua idéia, o quinto ato que eu mesmo não pude escrever, e imaginar — agra, enfim, libertada e pacífica... e que essa dura tragédia acabe, dentro de vós, em uma atmosfera de renúncia, purificação e perdão.”

* *

Um homem honrado; Molyneux, veterano na outra guerra onde perdera um olho, fecha sua casa de costura porque está ameaçado de perder a outra vista — onde sempre ficou enervado um pequenino estilhaço de granada. Não podendo mais desenhar, o grande modista fecha sua casa — para não emprestar seu nome a um artista. Continuará a existir apenas a marca de perfumes.

* *

Pierre Frédéric publicou em “Le Monde”, de 3 a 12 de novembro, uma série de nove artigos sobre o Brasil. Escritos com argúcia e equilíbrio, e publicados em um jornal de tão grande e justo prestígio, esses artigos representam a melhor propaganda feita para nosso país nos últimos tempos na França. Ele fala de nossas coisas boas e não esconde as ruins. Temos visto, em jornais de Paris e do interior da França, muitas tolices escritas sobre o Brasil, com exageros a favor ou contra, e não perdemos tempo em anotá-las. Mas achamos que vale a pena fazer esta referência a um jornalista que viu nossa terra ao mesmo tempo com simpatia e com espírito crítico.

22.11.50